

ADLER, ERIC. *CLASSICS, THE CULTURE WARS, AND BEYOND*. ANN ARBOR: UNIVERSITY OF MICHIGAN PRESS, 2016. XI + 292 P., ISBN 9780472130153.

Rafael Guimarães Tavares da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais

gts.rafa@hotmail.com

A crise tem sido uma constante nas mais diversas disciplinas da área de Humanidades desde meados do século XX até o presente, sobretudo a partir de uma alardeada crise da leitura e dos valores tradicionais pretensamente atrelados a ela, tal como indica o tom apocalíptico de uma série de títulos lançados nas últimas décadas: *O declínio da cultura ocidental* (BLOOM, 1989); *Quem matou Homero?* (HANSON; HEATH, 1998); *A morte de uma disciplina* (SPIVAK, 2003); *A literatura em perigo* (TODOROV, 2010). Apesar dos posicionamentos políticos radicalmente diversos de cada um desses autores, eles parecem compartilhar de um mesmo mal-estar perante a desvalorização social de certas práticas tradicionalmente benquistas – como a leitura, a interpretação de textos, a escrita – e avançam uma série de proposições práticas a fim de tentar contornar essa situação crítica.

O estudo de Eric Adler, *Classics, the Culture Wars, and Beyond* [*Clássicas, as guerras culturais e além*], publicado em 2016, oferece um excelente panorama sobre essas questões no que diz respeito especificamente ao campo dos Estudos Clássicos. Restringindo sua exposição de modo praticamente exclusivo ao âmbito estadunidense, o autor consegue, no entanto, oferecer um panorama histórico amplo o bastante sobre o papel tradicional dos clássicos (e sua transformação gradual) para ser do interesse de todo e qualquer classicista, inclusive dos que atuam no Brasil. Antes de destacar o interesse que pode haver nesse debate – e atualmente mais do que nunca –, ofereçamos um breve resumo do argumento central do livro e um apanhado de suas discussões mais específicas.

Partindo da constatação de que uma crise cultural era reiteradamente expressa nos Estados Unidos., não apenas em grandes veículos de imprensa, Rev. est. class., Campinas, SP, v.18 n2, p. 211-215, jul./dez. 2018



mas também em publicações acadêmicas dedicadas ao tema, o autor busca definir certas distinções fundamentais num debate muitas vezes confuso e de difíceis contornos. Seu primeiro capítulo, concentrando-se nas “*Culture Wars* [guerras culturais]”, sugere que – embora os autores conservadores parecessem defender a necessidade de um retorno aos clássicos, enquanto os mais progressistas buscavam questionar o cânone a fim de se voltar para os excluídos do mesmo, isto é, mulheres, negros, homossexuais, aborígenes etc. – os estudos clássicos, enquanto campo, praticamente não tiveram voz nessa querela. A dimensão aparentemente contraditória dessa constatação é o que Adler busca esclarecer, afinal, autores conservadores como Allan Bloom (1989) e Roger Kimball (1990), ao contrário do que um intérprete apressado poderia imaginar, não defendiam a importância das *Letras Clássicas* na educação superior estadunidense, mas sim dos *clássicos* (ADLER, 2016, p. 20). E essa importante distinção só pode ser bem compreendida com uma breve retrospectiva acerca do papel que o ensino clássico teve na história da educação de matriz europeia (ou eurocêntrica), como é o caso estadunidense.

A partir do Renascimento italiano, surgiu um movimento humanista de estudo das línguas e literaturas clássicas – isto é, em suas vertentes romanas e helênicas – com fins sobretudo pedagógicos e morais. “Os humanistas, vivendo num período em que certo engajamento renovado com escritos antigos apresentava um impacto profundo em seu mundo, viam o estudo de autores da Antiguidade clássica como pré-requisito para uma formação salutar do caráter” (ADLER, 2016, p. 46). Embora outras tradições tenham contribuído para esse importante debate educacional – como a escolástica medieval e a reforma protestante –, é inegável que essa compreensão humanista dos clássicos foi a principal justificativa para a inclusão das línguas e literaturas de matriz greco-romana como condição básica para a formação universitária dos pensadores ocidentais a partir do século XVI. Nos Estados Unidos, esse paradigma parece ter vigorado – ainda que eventualmente questionado – até o período da Guerra de Secessão (1861-1865), a partir de quando passa a perder cada vez mais espaço (ADLER, 2016, p. 64).

Na Europa, contudo, esse paradigma já havia sofrido uma série de críticas arrasadoras, a partir de autores que começavam a questionar a pretensa vinculação entre as esferas do conhecimento, da ética e da estética. Nesse sentido, a filosofia crítica de Immanuel Kant poderia ser apontada como um importante divisor de águas, embora também se pudesse ilustrar esse ponto com o modo como os estudos dos clássicos começavam a ser profissionalizados e encarados cientificamente, a partir dos trabalhos de autores alemães da época, como Christian Gottlob Heyne (1729-1812) e Friedrich August Wolf (1759-1824). Não é à toa que a ascensão de um campo autônomo de estudos dos autores clássicos se tenha dado sob a égide da palavra alemã – cunhada por Wolf (ADLER, 2018, p. 53) – *Altertumswissenschaft* [ciência da Antiguidade],

sob a qual a produção acadêmica de artigos, livros, dicionários e enciclopédias prosperou como nunca antes. O modelo alemão de universidade, com os seus imperativos de especialização, clareza e exaustividade, não demorou a ganhar o mundo, vindo a se instalar entre as instituições estadunidenses ao longo de todo o século XIX.

Sem entrar aqui nas especificidades desse longo e complexo processo, o fato é que, segundo o autor, duas concepções acerca dos clássicos passaram a coexistir: por um lado, uma humanista, segundo a qual o valor dos autores clássicos estava em seu potencial de engrandecimento moral; por outro, uma cientificista, que se preocupava principalmente em estudar e esclarecer os mais diversos aspectos dessas culturas clássicas, de forma tão especializada e exaustiva quanto possível (não sendo à toa que o século XIX teria testemunhado o florescimento de disciplinas tão caras à *Altertumswissenschaft* como a arqueologia, a papirologia, a epigrafia e a numismática, por exemplo). Não que essas duas concepções fossem necessariamente avessas uma à outra, mas a ascensão do paradigma cientificista levou de modo geral a um questionamento e a um consequente afrouxamento da noção de *studia humanitatis* [humanidades], a qual passava a se aplicar, a partir da segunda metade do século XIX, a estudos gerais do cânone literário, e que nos Estados Unidos eram a base do modelo de “cursos sobre grandes livros [*Great Books' courses*]” (ADLER, 2016, p. 64).

Esta breve retrospectiva das transformações que o ensino clássico sofreu ao longo da história da educação ocidental permite-nos retornar ao debate das “guerras culturais” a fim de compreender melhor de que modo os estudos clássicos *não* tiveram qualquer participação efetiva no mesmo:

O desaparecimento do currículo associado às faculdades clássicas americanas marcou uma profunda diminuição do papel dos estudos clássicos no ensino superior dos Estados Unidos – uma diminuição com que as conflagrações curriculares da década de 1960 não podem sequer ser comparadas. Os humanistas da Renascença apoiaram uma visão de educação baseada *em apenas um* período na história da cultura ocidental – Antiguidade greco-romana. Os Grandes Livros [*The Great Books*] fundamentaram-se em *toda* a alta cultura ocidental. Humanistas da Renascença promoveram o estudo do latim clássico e do grego como modelos estéticos e morais para os estudantes; os Grandes Livros passaram a estudar os textos em tradução para o inglês. Em comparação com o declínio do currículo clássico no final do século XIX, as disputas entre os promotores dos Grandes Livros e aqueles que favoreciam um sistema mais flexível parecem coisa pequena. Assim, os conservadores nas guerras culturais acadêmicas até poderiam estar corretos em ver a década de 60 como testemunha da maior ameaça à posição dos clássicos no ensino superior americano. Mas isso ocorreu na década de 1860, não na de 1960. (ADLER, 2016, p. 74).

Encerrando assim a primeira parte de seu livro, Adler dedica os três capítulos seguintes à análise de querelas específicas dos estudos clássicos

nos Estados Unidos e que apresentassem possíveis pontos de contato com as guerras culturais. Na primeira delas, em torno ao aparente escândalo envolvendo a demissão do diretor do *American Journal of Philology*, Georg Luck, tematiza-se a atuação de classicistas adeptas de teorias feministas e de seu posicionamento hostil a guinadas especialmente conservadoras no campo das Letras clássicas. Na segunda, analisa-se todo o frisson causado pela publicação do livro *Black Athena [Atena negra]*, de Martin Bernal (1987), e sua repercussão em discussões sobre raça e etnicidade. Na última delas, a questão passa a ser a enorme controvérsia levantada por *Who killed Homer? [Quem matou Homero?]*, a partir da acusação que seus autores – Victor Davis Hanson e John Heath (1998) – faziam do elitismo e da hipocrisia reinantes entre os mais diversos classicistas, tanto de direita quanto de esquerda, em seu tratamento dos estudos clássicos em nível universitário.

Não teríamos condição de reproduzir aqui os detalhes desses instigantes debates, os quais são apresentados pelo livro de Eric Adler a partir de uma vastíssima consulta às fontes bibliográficas, bem como de um trabalho com muitos questionários e detalhadas entrevistas com as pessoas diretamente envolvidas em cada uma dessas controvérsias. Gostaríamos, no entanto, de destacar o ponto comum de suas análises sobre esses três momentos mais críticos para os estudos clássicos nos Estados Unidos nas últimas décadas a fim de tentar extrair uma série de lições válidas para instigar a reflexão ainda hoje. Isso é retomado de alguma forma em seu capítulo de encerramento e introduz aquilo que nos parece o aspecto mais relevante desse trabalho para o classicista brasileiro atual.

A crise dos Estudos Clássicos não é uma miragem: o número de alunos, cursos, professores e salários tem realmente diminuído (ADLER, 2016, p. 218-225), ainda que uma superprodução acadêmica de artigos, livros e congressos possa dar a falsa impressão de que a área se expande. Essa superprodução, contudo, é fruto de uma lógica nefasta imposta aos alunos e professores pelo sistema universitário, a qual obedece, por sua vez, às diretrizes governamentais e de mercado. Lutar contra esse sistema não é possível para o classicista sozinho (ADLER, 2016, p. 227), mas é possível – e mais do que isso, necessário – que cada classicista se repense e se organize para oferecer respostas a algumas das justas questões levantadas pela sociedade em geral: de que modo o ensino de autores clássicos contribui para a formação dos universitários? E o ensino de línguas clássicas? De que modo esses campos podem se mostrar atrativos para mais estudantes? De que modo seria possível tornar esse estudo relevante para a vida universitária como um todo, até mesmo para não universitários?

O autor avança uma série de sugestões – a partir de suas vivências e opiniões pessoais – a esses difíceis questionamentos. Ele menciona, por exemplo, a dimensão multidisciplinar dos estudos clássicos (característica tão apreciada num mundo contemporâneo que busca trabalhar as complexas

interconexões entre indivíduo, sociedade, economia, história e arte), ou sua importância sociocultural para a história do ocidente (o que frequentemente se revela em estudos de recepção clássica), ou sua aptidão para suscitar reflexões sobre a melhor forma de se viver, inclusive de uma perspectiva ética e moral, ou ainda os benefícios linguísticos e gramaticais de quem se dedica ao estudo das línguas clássicas. Essas são algumas de suas sugestões, mas cumpre destacar que, para Adler (2016, p. 226-241), uma mudança de atitude dos próprios classicistas será fundamental para que o quadro de “crises dos clássicos” venha a ser revertido, pois será necessário que os especialistas se desfaçam do jargão e da atitude academicistas, propondo textos e cursos mais acessíveis e instigantes a um público mais amplo, de modo a revivificar o interesse público por essa área e suscitar nesse mesmo público o espaço para que possam ecoar suas múltiplas vozes: conservadoras ou progressistas; formalistas, feministas ou culturalistas; no entanto, acima de tudo, vozes capazes de responder por aquilo que a cultura clássica ainda tem a nos oferecer hoje.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Eric. *Classics, the Culture Wars, and Beyond*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2016.
- BERNAL, Martin. *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*. Vol. 1, The Fabrication of Ancient Greece, 1785-1985. New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.
- BLOOM, Allan. *O declínio da cultura ocidental*. Trad. João Alves dos Santos. São Paulo: Best Seller, 1989.
- HANSON, Victor Davis; HEATH, John. *Who Killed Homer?: The Demise of Classical Education and the Recovery of Greek Wisdom*. New York; London; Toronto; Sydney; Singapore: The Free Press, 1998.
- KIMBALL, Roger. *Tenured Radicals: How Politics Has Corrupted Our Higher Education*. New York: Harper and Row, 1990.
- SPIVAK, Gayatri. *Death of a discipline*. New York: Columbia University Press, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

Recebido: 3/01/2019

Aceito: 4/02/2019

Publicado: 9/04/2019

Rev. est. class., Campinas, SP, v.18 n2, p. 211-215, jul./dez. 2018

